ISSN: 2358-8829

A IMPORTÂNCIA DAS METODOLOGIAS ATIVAS NO DESPERTAR DO INTERESSE DOS DISCENTES UNIVERSITÁRIOS

Maria Beatriz Lira dos Santos [1]
Avani Terezinha Gonçalves Torres [2]

INTRODUÇÃO

Atualmente, é perceptível que o modelo tradicional de ensino, com o saber centrado no professor, não supre as demandas formativas presentes no ensino superior. Em muitas salas de aula universitárias, o estudante ainda ocupa a posição de quem recebe o conteúdo, enquanto o professor expõe, o que limita a construção ativa do conhecimento e mantém um descompasso entre a teoria estudada e a realidade vivida por quem está em formação. O ensino superior, por sua vez, exige autonomia do discente e articulação entre teoria e prática, o que mostra a necessidade de repensar a forma como se ensina e como se aprende.

Nesse cenário, as metodologias ativas aparecem como estratégias pedagógicas que dividem o foco do processo de ensino-aprendizagem com os estudantes. Berbel (2011) as associa à promoção da autonomia, pois estimulam decisões e ações sobre o próprio processo formativo. Bacich e Moran (2018) definem esse tipo de metodologia como pontos de partida no avanço dos processos de reflexão, de integração cognitiva e de aplicação prática. Assim dialogando com Freire (1996), que traz a defesa de uma educação problematizadora, entende-se que o estudante precisa ser sujeito ativo e crítico da própria aprendizagem, e não mero receptor de conteúdo. Mitre et al. (2008) também discutem as metodologias ativas a partir da formação profissional, reforçando a ideia de que o estudante deve ser envolvido na construção do próprio conhecimento.

Este trabalho tem como base a busca por compreender de que maneira as metodologias ativas podem despertar o interesse dos discentes universitários e qualificar a sua formação, uma vez que a literatura mostra que o uso dessas estratégias vem sendo debatido como caminho para a renovação do ensino. Sistematizar o que a literatura aponta sobre seus efeitos é relevante, já que o conceito ainda é pouco claro para os docentes universitários (FERREIRA; OZÓRIO;

[1] Graduanda do Curso de Ciências do Consumo da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, bolsista do grupo PET Conexões de Saberes: A Ciranda da Ciência e monitora da disciplina de Ética, Mercado e Relações de consumo, maria.beatrizd@ufrpe.br;
[2] Professora orientadora. Doutora em Geografia. Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, avani.torres@ufrpe.br.

ISSN: 2358-8829

MOREIRA, 2022) e sua adoção exige preparo pedagógico específico (MASETTO, 2012). Seu objetivo geral é discutir a importância das metodologias ativas no processo de ensino-aprendizagem universitário, por meio de sua aplicabilidade, debatendo suas contribuições para a autonomia, a criticidade e a criatividade dos estudantes em formação. Como objetivos específicos, busca-se: apresentar o conceito de metodologias ativas a partir de autores de referência; caracterizar a Aprendizagem Baseada em Problemas e a Sala de Aula Invertida, estratégias em destaque na literatura; e sistematizar o que os estudos analisados apontam sobre os efeitos dessas metodologias no ensino superior.

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, de caráter bibliográfico, realizada por meio de levantamento e análise de materiais acadêmicos ligados à temática, seguidos de uma síntese teórica. Os estudos analisados apontam que o uso de metodologias ativas no ensino superior favorece a motivação dos estudantes, estimula a construção do pensamento crítico e da capacidade de resolução de problemas, bem como a aproximação da teoria com a realidade do mercado de trabalho. A literatura também aponta que a efetividade dessas metodologias está ligada à formação continuada dos docentes. Conclui-se que as metodologias ativas são importantes para a renovação do ensino superior, desde que acompanhadas de planejamento e de formação docente.

METODOLOGIA

Esta pesquisa é de natureza qualitativa, pois se preocupa mais em compreender e interpretar o tema do que em medi-lo. Essa escolha se justifica porque a importância das metodologias ativas para o interesse dos estudantes envolve concepções de ensino, de aprendizagem e de formação, que não podem ser reduzidas a números.

Quanto aos procedimentos, trata-se de uma pesquisa de caráter bibliográfico. Foi feito um levantamento de materiais acadêmicos ligados à temática, entre livros, capítulos de obras organizadas e artigos de periódicos científicos, que abordam as metodologias ativas, seus princípios e estratégias como a Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP) e a Sala de Aula Invertida. O material analisado reúne as obras de Bacich e Moran (2018), Berbel (2011), Bergmann e Sams (2016), Diesel, Baldez e Martins (2017), Ferreira, Ozório e Moreira (2022), Freire (1996), Masetto (2012), Mitre et al. (2008), Moran (2015) e Valente (2014), todas listadas nas referências.

A análise foi feita em três momentos. Primeiro, realizou-se uma leitura exploratória, para identificar conceitos, e estratégias ligados ao tema. Depois, uma leitura analítica, na qual

ISSN: 2358-8829

os argumentos dos autores foram comparados e organizados em categorias, conforme as ideias que mais se repetiam. Por fim, elaborou-se a síntese teórica, que reúne as categorias em um quadro e as discute com base no referencial. Como se trata de pesquisa exclusivamente bibliográfica, sem participação direta de pessoas e sem uso de imagens, não houve necessidade de submissão a comitê de ética.

REFERENCIAL TEÓRICO

Do ensino centrado no professor ao protagonismo do estudante

A crítica ao ensino tradicional é um dos pontos de partida para pensar a educação hoje. Quando a aula se organiza em torno da exposição do professor, o estudante tende a ficar numa postura passiva, memorizando informações que nem sempre se relacionam com a sua experiência. Freire (1996) ao refletir sobre essa lógica afirma que ensinar não é apenas transmitir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção. Nessa perspectiva, o educando é sujeito do processo, e a prática docente deve respeitar e estimular sua autonomia, sua curiosidade e sua criticidade.

No ensino superior, essa discussão tem peso ainda maior. Espera-se que o universitário busque informações, analise-as criticamente, tome decisões e aplique o que aprendeu em situações reais. Porém, quando o ensino continua centrado na transmissão, o que se estuda fica distante da realidade do estudante, e isso afeta diretamente o seu interesse e o seu envolvimento com a formação. Masetto (2012) contribui para esse debate ao tratar da docência universitária e destacar que o professor do ensino superior precisa de conhecimento pedagógico, e não apenas de domínio do conteúdo, para conduzir o processo de aprendizagem dos estudantes.

O que são metodologias ativas?

As metodologias ativas podem ser entendidas como estratégias pedagógicas que colocam o estudante como protagonista da sua aprendizagem. Berbel (2011) as relaciona à promoção da autonomia e destaca que, quando os estudantes são envolvidos em situações que exigem escolhas, decisões e ações sobre o próprio percurso, tendem a participar mais e a assumir maior responsabilidade pela formação. A autonomia, nessa visão, não se trata de algo que o estudante já traz pronto, mas uma capacidade construída por meio de experiências que a que permitem seu favorecimento.

Para Bacich e Moran (2018), as metodologias ativas são pontos de partida que servem como base para avançar em processos de reflexão, de integração cognitiva e de aplicação prática. Isso quer dizer que a atividade do estudante não se limita ao fazer: ela é um meio para

ISSN: 2358-8829

que o conhecimento seja estimulado, relacionado a outros saberes e aplicado. Moran (2015) acrescenta que a educação precisa ser repensada com metodologias que envolvam os estudantes em atividades cada vez mais complexas, nas quais precisem decidir e avaliar resultados, com o acompanhamento do professor.

Diesel, Baldez e Martins (2017) trazem os princípios das metodologias ativas, entre eles o estudante como centro do processo, a autonomia, a problematização da realidade, o trabalho em equipe, a inovação e o professor como mediador da aprendizagem. Mitre et al. (2008), ao discutirem a formação profissional em saúde, também vinculam as metodologias ativas à problematização e à participação do estudante, o que mostra que a proposta ultrapassa uma área específica e dialoga com a formação universitária de modo geral. Dessa forma, as metodologias ativas não se resumem a uma técnica ou a um recurso tecnológico, mas expressam uma concepção de educação que reorganiza o papel de quem ensina e de quem aprende.

Aprendizagem Baseada em Problemas

Entre as estratégias em destaque, está a Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP). Diesel, Baldez e Martins (2017) a trazem entre os princípios das metodologias ativas que colocam o estudante como protagonista na resolução de situações-problema. Na ABP, a aprendizagem não começa pela apresentação do conteúdo, mas por um problema, geralmente próximo da realidade profissional, que leva o grupo a pesquisar, discutir hipóteses, buscar a teoria necessária e propor soluções.

A ABP se aproxima da perspectiva freireana de problematização, pois parte de questões reais que desafiam o estudante a pensar. Ela também favorece o trabalho em grupo e a articulação entre teoria e prática, já que o conhecimento teórico é buscado para compreender e resolver o problema. O papel do professor muda: sai da transmissão e passa para a mediação, cabendo a ele escolher problemas relevantes, acompanhar as discussões e provocar a reflexão da turma.

Sala de Aula Invertida

Outra estratégia muito debatida é a Sala de Aula Invertida. Bergmann e Sams (2016) popularizaram o modelo, argumentando que inverter a lógica da aula amplia o tempo de aprendizagem ativa e personalizada. Nesse campo, o primeiro contato com o conteúdo acontece antes da aula, de forma individual, e o tempo presencial é usado para atividades mais interativas, como discussões, resolução de problemas e esclarecimento de dúvidas com o apoio do professor.

ISSN: 2358-8829

Valente (2014) reflete sobre a Sala de Aula Invertida no contexto do ensino superior e a relaciona às mudanças que o blended learning, ou ensino híbrido, traz para a universidade, o que mostra que a inversão da aula se apresenta na combinação entre momentos on-line e presenciais. Com isso, o professor deixa de ocupar o encontro presencial com a exposição de conceitos e passa a acompanhar mais de perto o percurso de cada estudante, identificando dificuldades e propondo intervenções. De acordo com Bacich e Moran (2018), essa articulação entre estudo autônomo e atividades coletivas contribui para uma aprendizagem mais integrada e aplicada.

O papel do docente e a formação continuada

A adoção de metodologias ativas não dispensa o professor; pelo contrário, exige novas competências dele. Segundo Diesel, Baldez e Martins (2017), o docente passa a atuar como mediador, planejando situações de aprendizagem, orientando os estudantes e promovendo a reflexão sobre o que foi construído. Masetto (2012) reforça que a docência universitária demanda preparo pedagógico, e Freire (1996) lembra que a prática educativa pressupõe pesquisa e reflexão crítica em relação a própria prática, o que fala da importância relacionada à formação permanente. Por isso, a efetividade das metodologias ativas está ligada à formação continuada dos docentes, que permite compreender os fundamentos dessas propostas, planejá-las com intenção e avaliá-las de forma coerente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise do material permitiu organizar os achados em quatro categorias, que resumem o que a literatura aponta sobre as contribuições das metodologias ativas para o ensino superior: motivação dos estudantes; pensamento crítico e resolução de problemas; aproximação entre teoria e mercado de trabalho; e formação continuada docente (Quadro 1).

ISSN: 2358-8829

Quadro 1 – Categorias analíticas identificadas na literatura

Categoria analítica	O que a literatura aponta	Autores de referência
Motivação dos estudantes	Maior envolvimento e responsabilidade quando o estudante participa de decisões sobre o próprio percurso; tempo de aula voltado à interação.	Berbel (2011); Bergmann e Sams (2016); Valente (2014); Freire (1996)
Pensamento crítico e resolução de problemas	Questionamento, formulação de hipóteses e busca de soluções diante de situações-problema; reflexão e integração cognitiva.	Diesel, Baldez e Martins (2017); Mitre et al. (2008); Bacich e Moran (2018)
Teoria e mercado de trabalho	Articulação dos conceitos com situações reais e com a futura atuação profissional, reduzindo o descompasso entre teoria e prática.	Moran (2015); Bacich e Moran (2018)
Formação continuada docente	Efetividade condicionada ao preparo do professor para planejar, mediar e avaliar; prática docente como reflexão crítica permanente.	Diesel, Baldez e Martins (2017); Masetto (2012); Ferreira, Ozório e Moreira (2022); Freire (1996)

Fonte: elaborado pelas autoras (2026).

Motivação dos estudantes

A primeira categoria trata do interesse e do engajamento dos discentes. Os estudos analisados apontam que as metodologias ativas favorecem a motivação dos estudantes, principalmente porque lhes dão um papel real no processo. Berbel (2011) ressalta que, ao participarem de decisões sobre o próprio percurso, os estudantes tendem a se sentir mais envolvidos e responsáveis pela aprendizagem. Isso conversa com a crítica de Freire (1996) à educação em que o estudante é apenas receptor: quando o sujeito é chamado a agir, pensar e opinar, a aprendizagem ganha sentido e se aproxima da sua experiência.

Estratégias como a Sala de Aula Invertida contribuem para esse movimento, pois liberam o tempo presencial para atividades interativas e personalizadas (BERGMANN; SAMS, 2016; VALENTE, 2014). Assim, o encontro em sala deixa de repetir um conteúdo que poderia ser estudado antes e passa a ser espaço de participação, de troca e de apoio às dificuldades, o que tende a despertar maior interesse nos discentes universitários.

Pensamento crítico e resolução de problemas

A segunda categoria diz respeito à criticidade e à capacidade de resolver problemas. A literatura analisada converge ao afirmar que as metodologias ativas estimulam a construção do pensamento crítico, porque exigem que o estudante questione, compare, argumente e fundamente suas decisões. A ABP é um bom exemplo: diante de uma situação-problema, os

ISSN: 2358-8829

estudantes precisam levantar hipóteses, buscar informações e avaliar alternativas, o que se afasta da simples reprodução de conteúdo (DIESEL; BALDEZ; MARTINS, 2017; MITRE et al., 2008).

Bacich e Moran (2018) também destacam que as metodologias ativas funcionam como ponto de partida para processos de reflexão e de integração cognitiva. Ou seja, a criticidade não surge de forma automática com o uso de uma técnica, mas depende de propostas planejadas para levar o estudante além da memorização. Nesse caminho, a criatividade também é mobilizada, já que problemas reais raramente têm uma única resposta e pedem soluções construídas pelos grupos.

Aproximação entre teoria e mercado de trabalho

A terceira categoria trata da articulação entre teoria e prática. Um dos principais limites do modelo tradicional é o desencontro entre o que se aprende na universidade e a realidade vivida pelo estudante. A literatura indica que as metodologias ativas ajudam a diminuir essa distância, pois partem de situações reais ou próximas do real, especialmente as ligadas à futura atuação profissional, e exigem que os conceitos sejam usados para compreendê-las e enfrentá-las. Moran (2015) reforça essa ideia ao defender atividades cada vez mais complexas, em que o estudante precisa decidir e avaliar resultados.

Essa aproximação com o mercado de trabalho é importante para o universitário, que está em processo de formação profissional e tende a valorizar aquilo que reconhece como útil para a sua atuação. Ao perceber a aplicação do que estuda, o discente dá mais significado aos conteúdos, o que se relaciona com a motivação da primeira categoria e mostra que os achados estão ligados entre si.

Formação continuada docente

A quarta categoria mostra que a efetividade das metodologias ativas está ligada à formação continuada dos docentes. Se o modelo tradicional se apoia na exposição, as metodologias ativas pedem que o professor planeje situações de aprendizagem, escolha problemas, organize o tempo de aula e medie as discussões (DIESEL; BALDEZ; MARTINS, 2017; MASETTO, 2012). Sem preparo para isso, há o risco de que as estratégias sejam usadas de forma superficial, reduzidas a trabalhos em grupo sem intenção pedagógica.

Ferreira, Ozório e Moreira (2022) contribuem para essa discussão ao mostrar que professores universitários entrevistados diziam conhecer pouco as metodologias ativas, embora muitas de suas estratégias de ensino se aproximassem dos princípios dessas metodologias. Isso indica que o termo nem sempre é claro para quem ensina, o que reforça a importância da

ISSN: 2358-8829

formação. Em consonância com Freire (1996), a docência exige reflexão crítica permanente sobre a própria prática, e a renovação do ensino superior por meio das metodologias ativas não depende só da vontade do professor, mas também de políticas institucionais que ofereçam tempo, espaço e apoio para a formação continuada.

De modo geral, os achados apontam que as metodologias ativas respondem às limitações do modelo tradicional destacadas na introdução: a centralidade do professor torna-se ponto de tensão diante do protagonismo do estudante; o desencontro entre teoria e prática é enfrentado por meio de problemas e projetos; e a necessidade de autonomia é atendida por propostas que levam o estudante a decidir e a assumir a responsabilidade pela sua aprendizagem. Autonomia, criticidade e criatividade, eixos do objetivo deste trabalho, aparecem de forma articulada nas obras analisadas.

É preciso, ressaltar que por ser uma pesquisa bibliográfica, os resultados refletem o que dizem os autores estudados e não substituem pesquisas que verifiquem, em instituições específicas, o efeito dessas metodologias sobre o interesse e o desempenho dos estudantes. Além disso, as metodologias ativas não devem ser vistas como solução única ou livre de dificuldades: exigem planejamento, condições de trabalho adequadas e formação docente. Essas ressalvas não diminuem a sua importância, mas indicam que a incorporação dessas metodologias precisa ser crítica e adequada a cada contexto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos analisados apontam que as metodologias ativas, entre elas a Aprendizagem Baseada em Problemas e a Sala de Aula Invertida, favorecem a motivação dos estudantes, estimulam o pensamento crítico e a capacidade de resolução de problemas e aproximam a formação acadêmica da realidade do mercado de trabalho. Verificou-se também que a sua efetividade está ligada à formação continuada dos docentes, que precisam conhecer os fundamentos dessas propostas e atuar como mediadores. Assim, a teoria traz que as metodologias ativas são importantes para a renovação do ensino superior e para despertar o interesse dos discentes universitários.

As instituições de ensino superior poderiam investir em programas de formação docente e em condições que permitam a adoção planejada dessas metodologias. Sugere-se, ainda, a realização de pesquisas empíricas, de abordagem qualitativa ou mista, que acompanhem experiências em diferentes cursos e analisem, a partir da voz de estudantes e professores, os efeitos das metodologias ativas sobre o interesse, a aprendizagem e a permanência na

universidade. Esses estudos poderão aprofundar e, se for o caso, questionar os achados aqui sistematizados.

Palavras-chave: Metodologias ativas; Ensino superior; Ensino-aprendizagem; Formação docente.

REFERÊNCIAS

BACICH, L.; MORAN, J. (org.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora**: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018.

BERBEL, N. A. N. As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, Londrina, v. 32, n. 1, p. 25-40, 2011.

BERGMANN, J.; SAMS, A. **Sala de aula invertida**: uma metodologia ativa de aprendizagem. Rio de Janeiro: LTC, 2016.

DIESEL, A.; BALDEZ, A. L. S.; MARTINS, S. N. Os princípios das metodologias ativas de ensino: uma abordagem teórica. **Revista Thema**, Pelotas, v. 14, n. 1, p. 268-288, 2017.

FERREIRA, G. M. S.; OZÓRIO, G. G.; MOREIRA, L. C. P. Metodologias ativas nas concepções de docentes do ensino superior: “um nome novo que não diz nada”? **Revista Internacional de Educação Superior**, Campinas, v. 9, e023048, 2022. DOI: 10.20396/riesup.v9i00.8665518.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MASETTO, M. T. **Competência pedagógica do professor universitário**. 2. ed. São Paulo: Summus, 2012.

MITRE, S. M. et al. Metodologias ativas de ensino-aprendizagem na formação profissional em saúde: debates atuais. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 13, supl. 2, p. 2133-2144, 2008.

MORAN, J. Mudando a educação com metodologias ativas. In: SOUZA, C. A.; MORALES, O. E. T. (org.). **Convergências midiáticas, educação e cidadania**: aproximações jovens. Ponta Grossa: Foca Foto-PROEX/UEPG, 2015. v. 2, p. 15-33. (Coleção Mídias Contemporâneas).

VALENTE, J. A. Blended learning e as mudanças no ensino superior: a proposta da sala de aula invertida. **Educar em Revista**, Curitiba, n. esp. 4, p. 79-97, 2014.